

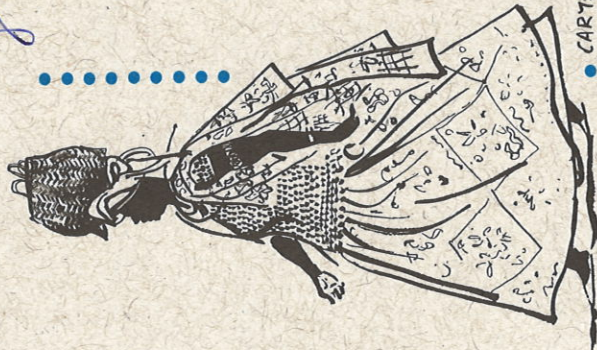


# A ROUPA DE BAIANA

A BAIANA ATTIRE | LA ROPA DE BAIANA

RAUL LODY

PARMA | BRASIL



CARTSE

# memorial das Baianas

BAHIA | BRASIL

*Handwritten notes in blue ink:*  
"memorial das Baianas"  
"Cartse"  
"Bahia | Brasil"

SALVADOR | 2003

## BAIANA: UMA ROUPA MULTICULTURAL

ROUPA DE BAIANA, roupa de crioula, estar de saia, mulher de saia, baiana de passeio, baiana de can-dômbê, baiana do Bonfim, baiana da Boa Morte, ou beca ou simplesmente baiana, apontam e reúnem elementos visuais barrocos da Europa; tecnologias, cores, texturas de peças africanas do Ocidente e forte presença afro-islâmica, diretamente das relações entre o Islã e a África e, ainda, da Península Ibérica com as relações de portugueses e espanhóis com os mesmos povos do Islã, mouros, mulçumãos, todas formando o tipo, um tipo essencialmente consagrado, a baiana.



Texto | Text: Raul Lody  
Design Gráfico | Graphic Design | Design Gráfico: Maria Helena Pereira da Silva  
Desenho da Capa | Front Cover | Dibujo de la Portada: Carybé  
Fotografias | Photographs | Fotos: Cristiano Jr. / Iraildes Mascarenhas  
Revisão de Texto | Proofreading | Revisión de Texto: Carlota da Silveira Ferreira  
Versão para o Inglês | English Translation | Versión para el Inglés: Régine Verzbolovskis  
Versão para o Espanhol | Spanish Translation | Versión para el Español: Pilar Lorente  
Fotolito | Films | Fotolito: P&H Fotolito  
Impressão | Press | Impresión: Laserprint Editorial  
As fotos de Cristiano Jr. foram reproduzidas do livro *Escravos Brasileiros – do século XIX na fotografia de Cristiano Jr.*, Editora Ex Libris, 1988.

Agradecimentos | Acknowledgements | Agradecimientos:

- Clárice Souza dos Anjos
- Claudia Márcia Ferreira
- Ialorixá Stella Azevedo dos Santos
- Maria Helena Tanajura
- Maria José Chaves
- Nancy Carybé
- Solange Bernabó

## ORGANIZAÇÃO DA ROUPA

A cidade amanhece. Aos poucos eles vão chegando, usam calções de algodão barato, estão descalços como todo o escravo deve andar. São negros de diferentes etnias. São ladinos, são crioulos. Localizam-se nas esquinas, nos portos, nas portas das lojas.<sup>1</sup>

### PANO DE VESTIR

O objetivo principal do uso de tecidos de algodão natural era o de "tapar as vergonhas", como anunciava o padre Antônio Vieira. Com a *tecelagem funcional*, feita nas fazendas e engenhos, confeccionavam-se uma ou duas peças que o escravo recebia para usar por tempo indeterminado. Pano de roupa, na época (Brasil Colônia), era sinônimo de riqueza material.

O corpo escravo, enquanto suporte meramente utilitarista, deveria estar coberto, embora marcas étnicas, sinais de sociedades, escafições no rosto e em outras partes, e dentes limados dessem distinções, situassem grupos, procedências e, visualmente, determinassem identidades.

As aquisições de panos para, segundo a *moral cristã*, vestir o corpo *nu*, já começavam a formar um elenco de morfologias adaptadas, que buscavam, talvez, algumas aproximações com desenhos africanos.

Os operários negros conservavam o hábito de vestes brancas, de grosso tecido de algodão, calça e camisa justa e curta, que lembram camisas nagôs.<sup>2</sup>

Ainda nesse despojamento econômico do traje, vejo a chamada *roupa sura* como uma das primeiras composições do que se poderia, formalmente, entender como *baiana*. É um tipo de roupa lisa, discreta, sem adornos, composta de *saia e camisa*. Fixada nos terreiros de candomblé, a chamada *roupa de ração*, um traje interno, de lidas cotidianas, é formada por saia sem anáguas, com ou sem camisa. A saia pode ser portada na altura do busto, deixando ombros livres. O nome roupa de ração vem de *roupa que come*, que recebe obrigações durante diferentes rituais religiosos.

### PANO DE CABEÇA

A primeira e marcante identificação da *roupa de baiana* dá-se pela cabeça coberta com tecido de diferentes formatos, texturas e técnicas de dispor conforme intenção social, religiosa, étnica, entre muitas outras.

Durante muito tempo, em Portugal, proibiu-se o uso de panos nas cabeças das mulheres, pois lembravam o bioco mulçumano.

Em Portugal, já no século XII, temos o retrato da rainha Mafalda com seu toucado em rolo. Turbantes, trufas, turbantes do polichinelo e turbante à mourisca, encontramos em ilustrações quincentistas das edições chamadas de cordel, dos autos comédia de Gil Vicente. O chamado turbante mourisco achava-se muito em moda entre senhoras de qualidade dos fins do século XVIII.<sup>3</sup>

O nosso turbante afro-brasileiro é, sem dúvida, afro-islâmico – maneira de proteger a cabeça do sol dos desertos ou de outras áreas tórridas e quentes do próprio continente africano. Contudo, amplia-se seu uso e função, distinguindo a mulher em diferentes papéis sociais, compondo *estéticas*, que dizem das condições econômicas e das intenções de uso, exibindo muitas vezes detalhes, sutilezas despercebidas pela maioria.

De muitas formas se pode amarrar o torço na cabeça. Também pode ele ser de diferentes tamanhos e formatos, desde um simples pedaço de pano triangular até todo um vasto chale.<sup>4</sup>

Manter o torço com *orelha*, *orelhinha*, *sem orelha* – incluir determinadas folhas – com o uso de pano branco engomado detalhado em *richelieu* nas pontas, totalmente liso e discreto ou em panos listados, de diferentes cores, em brocado, em seda, em lamê, entre tantos. O torço cachoeirano é especial na montagem de *baiana de beca*.

A maneira de utilizá-lo é totalmente peculiar, o torço é preso à cabeça sendo arrematado em forma de bola na nuca, o significado é único, lembra mais um penteado do que um torço propriamente dito.<sup>5</sup>

O torço protege o *ori-cabeça*; para as mulheres iniciadas no candomblé, o estar de torço tem significados próprios, como também o estar sem torço, em momentos religiosos especiais, estabelecem contatos mais diretos com o sagrado.

### MUITOS PANOS

A roupa de baiana é uma rica e complexa montagem de panos. *Anáguas*, várias, engomadas, com rendas, entremeios e de ponta; *saia*, geralmente com cinco metros de roda, tecidos diversos, com fitas, rendas entre demais detalhes na barra; *camizu*, geralmente rebordada na altura do busto, bata por cima e em tecido mais fino; *pano-da-costa* de diferentes usos – *pano-de-alaká*, africano, tecido de tear manual, outros panos industrializados, retangulares, visualmente próximos das peças da África. Estar de *saia*, usar *saia*, pode referir-se ao elaboradíssimo conjunto que monta a *roupa típica* da baiana.

As *saias* armadas, volumosas e arredondadas são acréscimos das indumentárias européias – *saias* à francesa.

• • •  
8

Batas largas, frescas, ecologicamente cômodas são presentes mulçumanas, como os chinelos de pontas de couro branco, couro lavrado, o chamado *changrim*, outra peça à mourisca.

Nos candomblés, as roupas de baianas ganham sentido cerimonial e, geralmente, são elaboradas mantendo aspectos tradicionais. Nos terreiros Ketu e Angola, as roupas têm armações arredondando as saias; já nos terreiros Jeje, as saias são mais alongadas e com menor armação. Ainda no âmbito religioso, a baiana é base para as roupas dos orixás, voduns e inquices, acrescidas de detalhamentos peculiares em cores, matérias e formatos, contando, também, com as *ferramentas* – símbolos funcionais dos deuses.

O traje-emblema da baiana está disseminado em diferentes manifestações populares, como nos maracatus do Recife – *baiana rica*, *baiana pobre* ou *catirina*. Ainda com o nome de *catirina* nos autos do *boi*, sendo a mulher do vaqueiro; nominada ainda *crioula* em cortejos e danças como as do São Gonçalo, na localidade de Mussuca, Sergipe; em congadas; nas alas obrigatórias das escolas-de-samba – ala das baianas –, reforçando sempre um imaginário afro-brasileiro. Ainda a imigração da roupa no *marketing* brasileiro, com Carmem Miranda, em soluções visuais da *baiana-rumbeira* – verdadeira síntese de latinidade. *Obai!*

• • •  
9

## QUEM NÃO TEM BALANGANDÃS...

As pencas ou molhos de balangandãs ou de amuletos estão incluídos nesse exagero de adorno, reforçando ideal de riqueza e poder dos senhores coloniais [...]

Alguns balangandãs visíveis nas pencas são originários de funções específicas de atividades econômicas – os ganhos –, tais como bolas de louças, figas, saquinhos de couro, dentes de animais – encontram-se ainda medalhinhas, crucifixos e outros símbolos cristãos absorvidos e relidos pela funcionalidade [...].<sup>6</sup>

Hoje, ausentes da composição de roupa de baiana, alguns elementos visuais nascentes das pencas fixaram-se nos fios-de-conta, nas pulseiras, mantendo, simbolicamente, marcas sociais e religiosas. *Ofá*, *oxê*, mão-de-pilão, saquinhos de couro ou tecido – patuás –, dentes encastoados, figas estão em fios de miçangas, correntes de ouro ou de prata, contas de louça, corais, languidibás, fios de búzios, entre outros.

A joalheria que compõe o traje de baiana é fundamentada em brincos – argolas, dos tipos pitanga ou barrilzinho –, pulseiras *idés*, de búzios, de contas, corais, marfim, prata, ouro, cobre, latão, ferro, colares tipo *trancilim*, de argolas encadeadas e os *ilequês*, com as cores simbólicas dos deuses pessoais, da família ou da Nação e terreiro.

### "RODAR A BAIANA"

A baiana encarna um personagem-síntese do brasileiro, um símbolo nacional, importante componente de uma heráldica social e cultural. A baiana é como um depósito de componentes formadores do povo. É um cartão-postal do imaginário genuinamente nacional. É mulher, é afro, é associada a uma civilização tropical, une-se às comidas, às vendas de pratos com dendê, preferencialmente. É ainda valor de mulher que trabalha, que é guardiã da memória do grupo. Assume um sentido matriarcal. A baiana é um resultado de *misturas*, leia-se *misturas* como diferentes tendências ideológicas, de estilos e de momentos históricos.

A composição visual transcende o território baiano. Ganha o país e o exterior por diversos caminhos de afirmações teóricas e da mídia sobre *brasileiridades*. A ela, baiana, unem-se o *vaqueiro* encourado do sertão e o *gaúcho*, que têm algo em comum na formação brasileira. São componentes telúricos que oferecem diferentes leituras para entender as construções de nacionalidade.

Nessa rápida viagem ao imaginário da baiana, quero trazer perguntas sobre etnoestética e, valorativamente, expor o lado *guerreiro* da baiana, enquanto mulher valente, sabendo a roda que tem a sua saia.

Não é à-toa que se diz por aí "rodei a baiana".



## BAIANA: MULTICULTURAL ATTIRE

**BAIANA ATTIRE**, “crioula” attire, wearing a skirt, woman with a skirt, baiana “de passeio”, Candomblé baiana, baiana of the Bonfim, baiana of the Good Death, or “beca” or simply baiana, point out to and combine European baroque visual elements; African technology, colors, textures pieces from the Occident and a strong Afro-islamic presence, directly from the relations between Islam and Africa and, also from the Iberian Peninsula, the Portuguese and Spaniard relations with the same Moorish and Muslim people of Islam, all blending into the type, the baiana, an effectively consecrated type.

### ORGANIZATION OF THE ATTIRE

It is break-of-the-day in town. Slowly they turn up, wearing cheap cotton pants, they are barefoot as should any slave be, and they are black of different ethnic groups. They are “ladinos” (blacks who spoke Portuguese well), they are “crioulos”.<sup>1</sup> They stand on the street corners, ports and shop doorsteps.

### DRESSING MATERIALS

The main objective in wearing natural cotton fabrics was to “hide the lower parts” as proclaimed Father Antônio Vieira. The slave received and had to wear during an undermined period of time, one or two pieces of cloth of functional weaving, made at the farms and sugar mills. At the time (Colonial Brazil), clothing fabrics were synonymous of material wealth.

The slave body, as being a merely utilitarian support, was to be covered, although the ethnic marks, signs of societies, scarifications on the face and other parts and filed-away teeth

gave them distinctiveness, positioned groups, origins and would visually determine identities.

The acquisitions of cloth, in accordance with the Christian moral, to dress the naked body, was already starting to set up an index of adapted morphologies, perhaps in search of some approximations with the African designs.

The black workers kept the custom of dressing all in white, trousers and tight and short shirt made of rough cotton materia, evoking the nagô shirts.<sup>2</sup>

Even in this economically plain attire, I foresee the so-called “roupa sura” as one of the first frameworks of what could be formally understood, as baiana. It is a sort of simple, discreet, unadorned kind of attire, made up of skirt and shirt. Established in the “terreiros” (open area where the Afro-Brazilian rituals are celebrated) of candomblé, what is called “roupa de ração”, home clothing, for daily work, made up of a skirt, no petticoats, with or without a shirt. The skirt can be worn at the bust level, leaving the shoulders free. The name roupa de ração comes from “roupa que come”, which receives “obligations” (duties that the Candomblé people have to perform) during different religious rituals.

### HEAD WRAPPING

The first and highlighted identification of the baiana attire is given by the head wrapped in fabrics of different formats, textures and wrapping techniques according to the social, religious and ethnic purpose, amongst many others.

In Portugal, during a very long time, women were forbidden to wear wrapping around their head, as they reminded the Muslim “bioco”.



In Portugal, already in the 12<sup>th</sup> century, we have the portrait of Queen Mafalda with her "rolo headdress". In the 16<sup>th</sup> century illustrations of Gil Vicente plays, in editions called "de cordel", we find turbans, "trufas", Punchinello or buffoon turbans and the Moorish style turban.

The so-called Moorish turban was very much in fashion amongst ladies of rank at the end of the 18<sup>th</sup> century.<sup>3</sup>

Our Afro Brazilian turban is, undoubtedly, Afro-Islamic — a way to protect the head from the sun of the deserts or of other torrid and hot locations of the African continent itself. Nonetheless, its use and function are expanded, to distinguish women of different social positions, creating "estéticas", which indicated the economic conditions and use purpose, exhibiting very often details, subtleties unperceived by the majority.

The "torço" (head wrapping) can be wrapped in many ways over the head. It can also be made of different sizes and formats, ranging from a simple piece of triangular cloth up to a gigantic shawl.<sup>4</sup>

Keep the "torço" with "ear, little ear, no ear" — add special sacred leaves — by using a white starched plain and discreet cloth with details in Richelieu lace at the ends, or a striped cloth, in different colors, made of brocade, silk, lamé among others. The "torço cachoeirano" is special in the setting up of the baiana de "beca".

The way to use it is absolutely idiosyncratic, the "torço" is fastened to the head and tied into a big knot at the base of the neck, the significance is unique, it recalls more a hairstyle than an actual head-wrapping.<sup>5</sup>

The "torço" protects the "ori-head"; for women initiated in the candomblé, wearing a "torço" has its own significance, just as being without a "torço", during special religious moments, they are able to establish more direct contacts with the sacred.

### FABRICS GALORE

The baiana attire is a precious and complex arrangement of materials. Petticoats, many starched petticoats, with laces, lace trimmings and embroideries; the skirt, generally a five meter bottom hem skirt, different fabrics, with ribbons, laces among other hem details, camizu, generally embroidered at the bust, top tunique in sheer material; multi purpose "pano-da-costa" — "pano-de-alaká", African, hand-woven material, other industrialized fabrics, rectangular, visually close to the African pieces. Wearing a skirt, and dress a skirt could refer to the very elaborate set of which the typical baiana attire is made of.

The hoop skirts, voluminous and full are an added item from the European fashion — French style skirts. Wide, fresh top tunics, ecologically comfortable bring the Muslim touch in the same way the slippers do, with their white leather toe ring, embossed leather, the so-called "changrim", another Moorish item.

At the "candomblés", the baiana attires acquire a ceremonial character and, they are generally prepared by maintaining the traditional aspects. In the Ketu and Angola "terreiros", the attires carry hoops to round the skirts up, on the other hand at the Jeje "terreiros"; the skirts are more elongated with a smaller hoop. And still in the religious setting, the baiana is the basis for the attires of the "orishas", "voduns" and "inquires" (corresponding to orishas in the African candomblés) in, to which are added special details in colors, materials, shapes, without forgetting the "tools" — functional symbols of the Gods.

The baiana-embellish attire is disseminated in different popular manifestations, as in the "maracatus" (procession similar to carnival) from Recife – rich baiana, poor baiana or "caitirina". And still under the name of caitirina in the plays of the "ox", being the wife of the cowboy; she is also called "crioula" in processions and dances such as that of São Gonçalo, in the city of Mussuca, State of Sergipe; in "congadas" (dance with characters impersonating, between songs and dances the coronation of a Congo King); in the obligatory wings of the escolas-de-samba – the wing of the baianas –, always reinforcing the Afro-Brazilian imaginary. And further on the immigration of the attire to the Brazilian marketing, with Carmem Miranda, in visual solutions of the "baiana-rumbera" – genuine synthesis of Latinity. Obal.

### "IF YOU DO NOT HAVE BALANGANDÁS..."

The "pencas" or bunches of "balangandás" or amulets are included in this exaggeration of adornments, reinforcing the ideal of wealth and power of the colonial masters [...]. Certain "balangandás" that can be seen in the "pencas" have their origin in very specific functions of economic activities – the payments –, such as china-wear beads, "figas", tiny leather bags, animal teeth – also small medals, crucifixes and other Christian symbols absorbed and reinterpreted by functionality [...].<sup>6</sup>

Today, devoid of the arrangement of the baiana attire, some of the original visual elements from the "pencas" can be found in the bead strings, in the bracelets, keeping symbolically, social and religious imprints. "Ofá, oxê", "mão-de-pilão", little leather or fabric bags – "patuás" (protection amulet) — enmeshed teeth,



"figas" are on tiny glass-bead strings, golden or silver chains, porcelain beads, corals, "languidibás", sea-shell strings just to mention a few.

The jewelry set of the baiana attire is based mainly on earrings – hoops, "pitanga" or "barrilzinho" style – "idês", sea-shell, bead, coral, ivory, silver, gold, copper, brass, iron bracelets, necklaces of the "trancilmi" type, of hoop chains, and the "ilequês", with the symbolic colors of the personal deities, of the family, the Nation or the "terreiro".

## "RODAR A BAIANA"

The baiana impersonates a synthesizing character of the Brazilian individual, a national symbol, and important component of a social and cultural heraldry. The baiana is like the holder of components that make the people. It is a post-card of the genuinely national imaginary. She is a woman, she is Afro, she is connected with a tropical civilization, she adheres to food and sells dishes with dendê oil (palm oil) preferably. And she is also the strength of the workingwoman, the keeper of the memory of the group. She adopts a matriarchal posture. The baiana is, also the result of "misturas" (amalgamations), these "misturas" should read as with different ideological trends, styles and historical moments.

The visual identity transcends the territory of Bahia. It takes over the country and abroad through most diverse paths of theoretical statements and of the media on the "brasilidades". The leathered "vaqueiro" (cowboy) of the sertão and the "gaúcho" (cowboy of the South of Brazil), who have something in common in the making of Brazil join this baiana. They are telluric components offering different interpretations towards understanding the constructions of the nationality.

After this fast trip to the imaginary of the baiana, I would like to bring in a few questions on ethno esthetics and valoratively, expose the "guerreiro" (warrior) side of the baiana, as a brave woman, knowing exactly "how big the hem of her skirt is".

And it sounds OK when someone says "rodei a baiana" (patience is over, lost my temper and made a scandal!)



## BAIANA: UNA ROPA MULTICULTURAL

ROPA DE BAIANA, ropa de "crioula" (negra nacida en Brasil), estar con falda, mujer con falda, baiana de paseo, baiana de "candomblé", baiana de Bonfim, baiana de Boa Morte, o "beca" o simplemente baiana, señalan y reúnen elementos visuales barrocos de Europa; tecnologías, colores, texturas de piezas africanas del Occidente y fuerte presencia afro-islámica, directamente de las relaciones entre el Islam y el África y, también, de la Península Ibérica, con las relaciones de portugueses y españoles con los mismos pueblos del Islam, moros, musulmanes, todas formando el *tipo*, un tipo esencialmente consagrado, la *baiana*.

### ORGANIZACIÓN DE LA ROPA

La ciudad amanece. Poco a poco van llegando, llevan calzones de algodón barato, van descalzos como todo esclavo debe estar. Son negros de diferentes etnias. Son "ladinos" (negros que hablaban bien el portugués), son "crioulos". Están en las esquinas, en los puertos, en las puertas de las tiendas.<sup>1</sup>

### PAÑO DE VESTIR

El objetivo principal del uso de tejidos de algodón natural era el de "tapar las vergüenzas", como anunciaba el padre Antonio Vieira. Con la *hilandería funcional*, hecha en las haciendas y en los ingenios de azúcar, se confeccionaban una o dos piezas que el esclavo recibía para vestir por tiempo indeterminado. Paño de ropa, en la época (el Brasil Colonia), era sinónimo de riqueza material.

El cuerpo esclavo, como soporte simplemente utilitarista, debería estar cubierto, aunque marcas étnicas, señales de sociedades, escaificaciones en el rostro o en otras partes del cuerpo, y dientes

limados ofreciesen distinciones, situasen grupos, procedencias y, visualmente, determinasen identidades.

Las adquisiciones de paños para, según la *moral cristiana*, vestir el *cuerpo desnudo*, ya empezaban a formar un grupo de morfologías adaptadas, que buscaban, quizás, algunas aproximaciones con los dibujos africanos.

Los operarios negros conservaban la costumbre de llevar ropas blancas, de espeso tejido de algodón, pantalón y camisa ajustada y corta, que recuerda las camisas nagós (relativo al pueblo nagó de idioma yoruba que vive en el África).<sup>2</sup>

Incluso veo, en ese despojamiento económico del traje, la llamada *ropa sura* como una de las primeras composiciones de lo que se podría formalmente entender como *baiana*. Es un tipo de ropa lisa, discreta, sin adornos, compuesta de *falda* y *camisa*. Establecida en los "terreiros" (espacio donde se celebran cultos afro-brasileños) de "candomblé", la que se designa como *ropa de ración*, un traje interno, de actividades cotidianas, del que hace parte una falda sin enaguas, con o sin camisa. La falda puede llevarse a altura del busto, dejando los hombros libres. El nombre ropa de ración viene de *ropa que come*, que recibe "obligaciones" (trabajo que el "hijo-de-santo", en el "candomblé", debe ejecutar) durante diferentes rituales religiosos.

### PAÑO DE CABEZA

La primera y notable identificación de la *ropa de baiana* se da por la cabeza cubierta por un tejido de distintos formatos, texturas y técnicas de disponerlo conforme la intención social, religiosa, étnica, entre muchas otras cosas.

Durante mucho tiempo, en Portugal, se prohibió el uso de paños en la cabeza de las mujeres, pues recordaban el *bioco* musulmán.

En Portugal, ya en el siglo XII, tenemos el retrato de la reina Mafalda con su tocado en rollo. Encontramos en ilustraciones de los años 1500, turbantes, trufas, turbantes de polichinela y turbante al estilo moro, en las ediciones llamadas de literatura de cordel, de los autos comedia de Gil Vicente. El turbante moro estaba de moda entre las señoras de calidad a finales del siglo XVIII.<sup>3</sup>

Nuestro turbante afro-brasileño es, sin duda, afro-islámico – una manera de proteger la cabeza del sol de los desiertos o de otras zonas tórridas y calientes del propio continente africano. Sin embargo, se amplía su uso y su función, diferenciando a la mujer en distintos papeles sociales, componiendo *estéticas*, que hablan de las condiciones económicas y de las intenciones de uso, exhibiendo muchas veces detalles, sutilezas que nos son notados por la mayoría de las personas.

El turbante se puede atar a la cabeza de muchas formas. También puede ser de distintas tallas y distintos formatos, de un simple trozo de paño triangular hasta un vasto chal.<sup>4</sup>

Mantener el turbante con *oreja*, *orejita*, sin *oreja* – incluir determinadas hojas – con la utilización de un paño blanco almidonado, con detalles en *richelieu* en las puntas, totalmente liso y discreto o de paños listados, de distintos colores, de brocado, de seda, de lamé, entre tantos otros. El turbante “cachoeirano” es especial en el montaje de la *baiana de beca*.

La manera de llevarlo es totalmente peculiar, el turbante atado a la cabeza con un remate en forma de bola en la nuca, su significado es único, recuerda más a un peinado que a un turbante propiamente dicho.<sup>5</sup>

El turbante protege el *ori-cabeza*; a las mujeres iniciadas en el “candomblé” el estar con turbante tiene significados propios, así como también el estar sin él, en momentos religiosos especiales establecen contactos directos con lo sagrado.

### MUCHOS PAÑOS

La ropa de baiana es un rico y complejo montaje de paños. *Enaguas*, muchas enaguas, almidonadas, con puntillas, con encajes y de punta; *falda*, en general con cinco metros de ruedo, los más diversos paños, con cintas, puntillas, entre otros detalles en el dobladillo; *camizu* (camisa sin falda y sin cuello), por lo general bordada a altura del busto, una bata en paño más fino por encima; *pano-da-costa* con diferentes maneras de usarlo – *pano-de-alaká*, africano, paño de telar manual, otros industrializados, rectangulares, visualmente parecidos a las piezas del África. Estar con *falda*, llevar *falda*, puede referirse al elaborado conjunto que compone la *ropa típica* de la baiana.

Las *faldas* con *armazones*, con volumen y redondeadas son incrementos de las indumentarias europeas – faldas a la francesa. Batas anchas, frescas, ecológicamente confortables son presencias musulmanas, como las zapatillas con punteras en cuero blanco, cuero tallado, al que se le denomina *changrim*, otra pieza al estilo moro.

En los “candomblés”, las ropas de baianas ganan sentido ceremonial y, por lo general, son elaboradas manteniendo aspectos tradicionales. En los “terreiros” Ketu y Angola las ropas tienen armazones que redondean las faldas; en los “terreiros” Jeje, a su vez, las faldas son más largas y con menos armazón. Aún en el ámbito religioso, la baiana es la base para las ropas de los “orixás” (la personificación de las fuerzas de la naturaleza), “voduns” (divinidades presentes en cultos afro-brasileños), “inquices”

(el equivalente a los "Orixás" en los "candomblés"), y a ella se agregan detalles peculiares de colores, materias y formas, de las cuales también hacen parte las *herramientas* – símbolos funcionales de los dioses.

El traje-emblema de la baiana es utilizado en distintas manifestaciones populares, como en los "maracatus" (procesoión festiva, como un carnaval, que baila al ritmo de instrumentos de percusión) de Recife – *baiana rica*, *baiana pobre* o *catirina*. También con el nombre de *catirina*, en los autos del *buey*, representando la mujer del vaquero; llamada *crioula* en procesiones y bailes como los de San Gonzalo en la localidad de Mussuca, Sergipe; en "congadas" (balle donde los figurantes representan, entre cantos y danzas, la coronación de un rey del Congo); en las alas obligatorias de las escuelas de samba – ala de las baianas –, siempre reforzando un imaginario afro-brasileño. También tenemos la inmigración de la ropa en el *marketing* brasileño, con Carmem Miranda, en soluciones visuales de la *baiana-rumbera* – verdadera síntesis de latinidad. ¡Oba!

### QUIÉN NO TIENE BALANGANDÁS...

Los racimos o manojos de "balangandás" (ornamentos) o de amuletos están incluso en ese tipo de adorno, reforzando el ideal de riqueza y de poder de los señores de la Colonia [...] Algunos de los "balangandás" visibles en los manojos tienen su origen en funciones específicas de actividades económicas – los sueldos – como bolas de loza, "figas" (amuleto en forma de mano cerrada usado como protección), pequeños sacos de cuero, dientes de animales – también se encuentran pequeñas medallas, crucifijos y otros símbolos cristianos absorbidos y de los cuales se hizo una nueva lectura por la funcionalidad [...].<sup>6</sup>

Hoy día, ausentes de la composición de la ropa de baiana, algunos elementos visuales originales de los manojos se han fijado en los hilos-de-cuentas, en las pulseras, manteniendo simbólicamente marcas sociales y religiosas. *Ofá, oxé* (en el culto de los Orixás es un rito de limpieza), *mão-de-pilão* (mano de mortero), pequeños sacos en cuero o tela – "patuás" (amuleto) –, dientes encastrados, "figas" que cuelgan de hilos hechos de pequeñas cuentas, corrientes de oro o plata, cuentas de loza, coral, "languidibás", hilos hechos con "búzios" (conchas del mar), entre otros.

La joyería que compone el traje de baiana está fundamentada en pendientes – argollas, de los tipos "pitanga" o "barrizinho" –, pulseras "idés" (en aro de metal), de "búzios", de cuentas, coral, marfil, plata, oro, cobre, latón, hierro, collares del tipo *trancilim* (tipo de trenzado de hilos de oro), de argollas encadenadas y los *ilequês* (hilos hechos con pequeñas cuentas), con los colores simbólicos de los dioses personales, de familia o de la Nación y "terreiro".

### "RODAR A BAIANA"

La baiana encarna un personaje-síntesis del brasileño, un símbolo nacional, importante componente de una heráldica social y cultural. La baiana es como un depósito de componentes formadores del pueblo. Es una tarjeta postal del imaginario nacional genuino. Es mujer, es *afro*, está asociada a una civilización tropical, se une a las comidas, sobretodo a la venta de platos con "dendê" (aceite de dendê). Es también valor de mujer que trabaja, guardiana de la memoria del grupo. Asume un sentido matricial.

La baiana es, también, el resultado de *mezclas*, leáse aquí *mezclas* como distintas tendencias ideológicas, de estilos y de momentos históricos.

La composición visual trasciende el territorio baiano. Gana el país y el extranjero por diversos caminos de afirmaciones teóricas y de la media sobre *brasileiradas*. A ella, baiana, se unen el *vaquero* vestido en cuero del "sertão" (zona poco poblada del interior de Brasil) y el *gaúcho* (del sur de Brasil, tiene sus actividades centradas en la ganadería), que algo tienen en común en la formación brasileña. Son componentes telúricos que ofrecen distintas lecturas para entender las construcciones de nacionalidad.

En este rápido viaje al imaginario de la baiana, quiero traer preguntas sobre etno-estética y, con sentido de valor, exponer el lado *guerrero* de la baiana, así como mujer valiente, que sabe el ruedo que tiene su falda.

No es en vano que se dice "rodei a baiana" ("rodar a baiana" – expresión popular que se refiere a una actitud de valentía o de afrontamiento, evocando el movimiento que hace la falda de la baiana cuando ella gira).

1 SILVA, Marlene Rosa Nogueira de. *Negro de rua*. São Paulo: Acitec, 1988, p. 111.

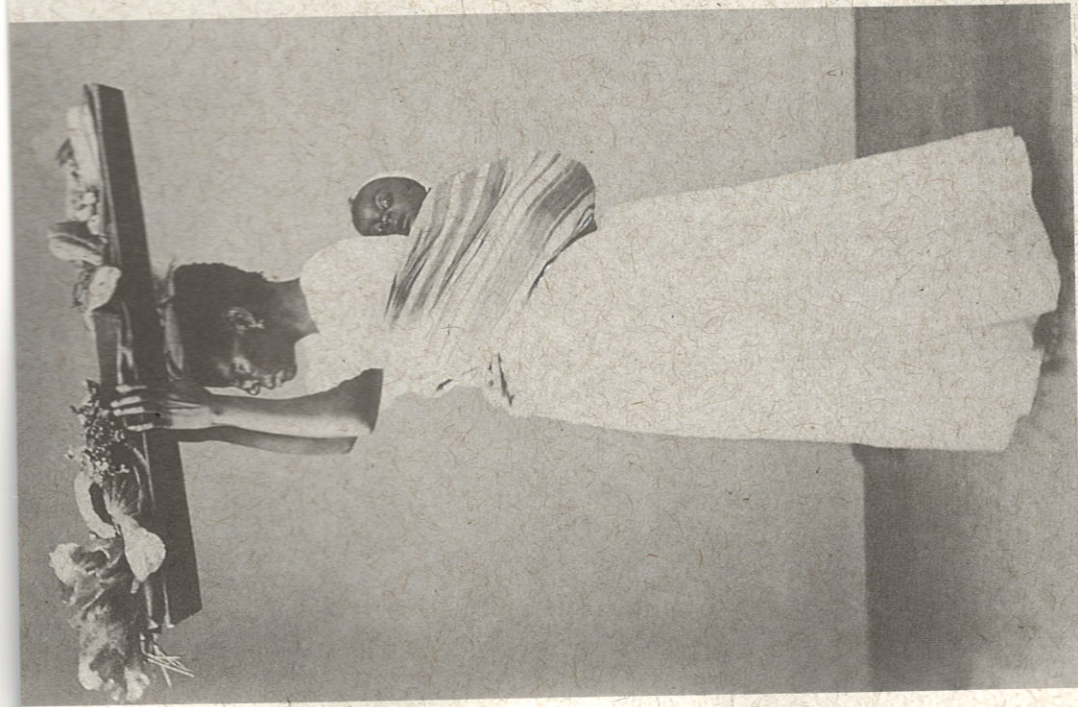
2 RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1945, p. 199.

3 VALLADARES, José. *O torço da bahiana*. Salvador: K. Paulo Hebeisen, 1952, p. 5 e 6.

4 VALLADARES. Op. cit., pg. 2.

5 LODY, Raul. *Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte*. Recife: Fundaj; Salvador: Bahiatursa, 1988, p. 18.

6 LODY, Raul. *Pencas de balangandãs da Bahia: um estudo etnográfico das jóias-amuletos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1988, p. 22.





Esta publicação foi impressa em junho de 2003,  
mês que se celebra Xangô na Bahia.

*The present publication was printed in June 2003,  
The month when Bahia celebrates Xangô.*

Esta publicación ha sido impresa en junio de 2003,  
mes en el que se celebra Xangô en Bahia.





**MEMORIAL DAS BAIANAS**

ABAM | ASSOCIAÇÃO DAS BAIANAS DE ACARAJÉ E MINGAU DO ESTADO DA BAHIA

Praça da Sé s/nº | Belvedere da Sé

Cep 40020-000 | Salvador | Bahia | Brasil

Telefax: (71) 322-3518 | e-mail: [baianasdeacaraje@bol.com.br](mailto:baianasdeacaraje@bol.com.br)